



06.11.2005

Maternidade na infância

Na noite de domingo, 11 de setembro, Bruna Ribeiro Silva teve um sangramento e foi para o hospital. No dia seguinte, às 12h, ela foi mãe pela primeira vez. Bruna tem 14 anos. "Às vezes eu fico pensando na vida das outras meninas, que na têm filho. Elas saem, fazem tudo, e essa era a vida que eu deveria ter hoje", diz Bruna.

"Eu queria parto normal. Fiquei meio assustada, mas, de manhã, os médicos vieram, fizeram um exame e disseram que ia ser cesariana", conta Bruna. "O médico falava que, por ser muito nova, o organismo e o corpo dela eram muito novos para ter uma gravidez. Não estava totalmente desenvolvida", diz o pai da Bruna.

Bruna é uma das quase 9 milhões brasileiras na faixa dos 10 aos 14 anos. Até o ano 2000, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) não considerava os dados sobre a vida sexual de meninas tão novas. Mas, no último censo, eles estão lá e registram um crescimento expressivo no número de meninas-mães.

Jenifer Suênia da Silva engravidou aos 14 anos. Daniele Fogaça da Silva engravidou também aos 14 anos. Angélica Aparecida de Moura engravidou com 14, e está grávida de novo, aos 16 anos. Luciana Santos de Araújo engravidou a primeira vez aos 14, a segunda com 15, e a terceira com 16 anos.

No tempo das nossas avós, as mocinhas menstruavam pela primeira vez aos 17 anos. Hoje, elas menstruam, em média, aos 12 anos, e às vezes até antes. "Eu menstruei pela primeira vez com 9 para 10 anos", lembra Bruna.

Como consequência dessa precocidade e da falta de acesso aos anticoncepcionais, entre 1991 e 2000 o número de partos em meninas de até 14 anos, crianças de tudo, cresceu 108%.

"Fazemos em torno de 4 mil partos na maternidade por ano. Em 2002, tínhamos um percentual de 1,4% de partos em meninas dos 10 aos 14 anos. Hoje, temos uma taxa de 6%, um aumento de quatro vezes", aponta a ginecologista e obstetra Maria Dolores Canella.

"Quando eu fiquei grávida pela primeira vez, tinha 13 anos. Senti desespero e uma felicidade também, junto", comenta Luciana.

"No estado de São Paulo, dos 10 aos 14 anos é a faixa de idade onde a taxa de gravidez na adolescência mais tem aumentado", afirma a médica Maria José Sant'Anna, assistente da Clínica de Adolescência da Santa Casa de São Paulo.

O número de meninas que dão à luz até os 14 anos é muito grande. Entre 1998 e 2002, foram 27 mil partos por ano, só nas maternidades do Sistema Único de Saúde (SUS). É um número inaceitável, vergonhoso. Nenhuma criança deveria ficar grávida nesta idade.

"Ela, bem dizer, é uma criança. E que responsabilidade ela vai ter? Ela vai pensar que é uma boneca, que brinca um pouquinho e joga de lado. Filho é filho, tem que ter bastante responsabilidade para criar", comenta a dona de casa Marinês Jaques, mãe da Daiana.

"Eu gostaria que não fosse tão cedo, porque agora, muito cedo, na adolescência, acontece com praticamente a maioria das moças", afirma o sapateiro Walmor Jaques, pai da Daiana.

"Nós vamos morar aqui do lado, em um puxadinho", diz Daiana Jaques, que está grávida, aos 14 anos. Caçula de cinco irmãos, Daiana morava com o pai e a mãe, na periferia de Florianópolis.

“Ela se encontrou com o Marcelo, começaram a namorar e nós nem sabíamos”, recorda a mãe. “Foi muito agarramento”, conta o pai. “Chegou um dia que nós falamos para ela estudar, que era para ela dar um tempo. Às vezes o namoro atrapalha os estudos. O que aconteceu: ela foi embora com ele”, lembra Marinês.

No começo de maio, com menstruação atrasada, ela sentia muito sono. Mas foi só no meio de julho que Daiana fez o exame e descobriu a gravidez. “Não cheguei a tomar pílula. Quando a mãe dele foi me dar, já era tarde. Eu já estava grávida. O Marcelo foi o meu primeiro namorado. Nós começamos usando camisinha, mas nem sempre”, relata Daiana.

Basta uma relação sem preservativo para engravidar. Daiana engravidou no terceiro mês de namoro, e voltou pra casa dos pais. Marcelo, o pai do bebê, está desempregado. Com 19 anos, tem um outro filho que ele nunca vê. “Meu primeiro filho não foi sem querer. Ela também queria, mas eu não sabia o que fazer. Eu tinha 14 para 15 anos”, conta Marcelo.

“De cada três parceiros, um já engravidou uma outra menina adolescente. É interessante mostrar que o peso do recém-nascido, daquelas meninas que casaram com os parceiros é bem mais alto do que aqueles que não estão mais com o pai. As crianças com peso maior no nascimento são aquelas cujos pais estão casados no papel”, explica a médica Verônica Coates, coordenadora da Clínica da Adolescência da Santa Casa de São Paulo.

“Eu não queria ser pai com essa idade. Estou com 21 anos. Quando ela engravidou, eu tinha 20. Nem pensava em casar”, confessa o auxiliar de produção Tiago Noboru Marques, namorado de Bruna Ribeiro.

O pai e a madrasta de Bruna se preocupavam com o que podia acontecer desde que ela, muito cedo, começou a se interessar pelos meninos. O pai, aflito, com medo de uma gravidez, levou a filha ao ginecologista.

“Foi quando eu escutei da boca dela que ela já estava transando com os meninos. A médica deu anticoncepcional, explicou certinho o jeito que toma. Pegamos o anticoncepcional que é dado no posto. E eu falei: ‘Você tem que tomar.’ Ela tinha 12 para 13 anos”, lembra o pai da Bruna.

A orientação pouco ajudou. Em fevereiro de 2005, veio a notícia da gravidez. Ela lembra que estava na praia, de vestido florido, quando contou para Tiago. “Eu tinha parado de tomar anticoncepcional, porque eu estava engordando muito”, recorda Bruna.

“Quando acontece isso não dá uma sensação de culpa. Eu achei que fui traído pela Bruna. Apesar de tudo o que a gente conversava, como eu não fui abrir o olho? Devia pegar esse anticoncepcional e dar para ela todo dia. Eu tinha que abrir a boca dela e por uma pílula todo dia de manhã”, completa o pai da Bruna.

“Muitas vezes, mesmo tendo orientação, a gente observa o seguinte: a adolescente começa a tomar a pílula e na metade interrompe, ou por náusea, ou por ter algum sintoma paralelo, ou porque esqueceu. Facilmente elas esquecem e acabam engravidando”, afirma a médica Dolores Canella.

Por causa da Aids e de outras doenças sexualmente transmissíveis, a camisinha deve ser usada sempre e deve ser combinada com a pílula ou com as injeções anticoncepcionais. As injeções, aplicadas uma vez por mês ou a cada três meses, têm a vantagem de evitar a desculpa do esquecimento.

Os postos de saúde visitados pelo Brasil, como regra, nunca oferecem anticoncepcionais injetáveis. E o acesso à pílula anticoncepcional nem sempre é fácil. Além disso, os postos não dispõem de programas para orientar meninas nessa faixa etária.

“Eu acho que a adolescente, com qualquer método anticoncepcional, precisa se dar valor, melhorar a auto-estima, ter responsabilidade e envolvimento”, defende a médica Maria José, que trabalha com grupos de adolescentes na Faculdade de Medicina da Santa Casa, em São Paulo. As meninas chegam lá já grávidas, em busca de apoio e orientação.

“Estou com o meu terceiro filho. Tinha 14 anos quando nasceu o primeiro. O segundo, 15 e o terceiro, com 16. Mas eu não queria nenhum dos três”, contou Luciana Araújo, que frequenta o grupo orientado

por Maria José. “No estado de São Paulo, 21,9% das meninas que engravidaram voltaram a engravidar”, afirma a médica Maria José.

“Eu entrava em pânico quando via que a minha menstruação estava faltando. Aí não era e vinha, eu deixava para lá, já me acalmava. E assim foi. Fiquei esquecendo, e engravidei de novo. Ninguém me orientou”, comenta Luciana.

“Na Santa Casa, a gente pega meninas que estão grávidas de 13 e 14 anos, e que procuraram o serviço de saúde para orientação contraceptiva, e que os médicos e colegas acharam que elas eram muito novas, e não fizeram uma orientação sexual adequada. E as meninas na hora até falam que não vão mais ter vida sexual, e vão ter sim”, revela a médica Maria José.

Luciana conheceu o recepcionista Everaldo Souza, de 28 anos, quando tinha 12 anos. Ele estava com 24. Nessa época, ela morava com a mãe em Pernambuco. Ele já tinha tido um filho, que nunca mais viu. “Não deu certo. Meu filho está no Maranhão”, alega.

Hoje, Everaldo e Luciana moram São Paulo. Vivem em um único cômodo com as três crianças. “É meio difícil. Eu fico sem paciência muitas vezes com os meninos. Não tenho tempo para mim direito”, lamenta Luciana.

“Na minha experiência de mais de 30 anos acompanhando adolescentes, eu definiria a menina que engravida na adolescência como aquela que não tem projeto de vida por um lado e, por outro lado, tem aquele ‘pensamento mágico’: ‘Isso não vai acontecer comigo’”, diz a médica Verônica.

São meninas que têm muito em comum: mães ou irmãs que também deram à luz na adolescência, renda familiar baixa e o fato de a gravidez fazer com que interrompam os estudos. “Não dá, não tem como. Não tem ninguém para olhar eles”, diz Luciana.

O que vai acontecer com Daiana, Bruna e tantas outras meninas com a mesma história? Será que vão conseguir voltar aos estudos, educar os filhos, romper o ciclo da pobreza? Ou, como Luciana, vão chegar na próxima fase da vida com mais e mais filhos?

“Eu era muito inexperiente, e não sabia quase nada ainda. Nem dava bola para isso. Achava que comigo não ia acontecer”, conta Luciana.

Na semana que vem, o abismo que separa meninas que recebem orientação sexual e têm livre acesso aos métodos anticoncepcionais das outras, mais pobres, desprotegidas, mães na adolescência. Até lá.

Você pode obter informações estatísticas sobre sobre maternidade entre 10 a 14 anos e de outros locais visitados em cada episódio da série através do link abaixo.

Estatísticas sobre gravidez na adolescência Veja mais informações sobre maternidade entre 10 e 14 anos

Encontre essa reportagem em:

<http://fantastico.globo.com/Jornalismo/Fantastico/0,,AA1067324-5008,00.html>